

UNEMAT Editora

Editor

Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor

Autores

Diagramação

Ricelli Justino dos Reis

Capa

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2014 / Unemat Editora

Impresso no Brasil - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenador /Organizador: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 4, nº. 1, (2014) . 274 p.

Modo de acesso:<<http://www.unemat.br/revistas/historiaediversidade/>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural. 1. Unemat Editora. Departamento de História de Cáceres.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil -

78200000

UNEMAT
EDITORA

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Revista



Dossiê: Ensino de história e história da educação: caminhos de pesquisa
(Volume I) - [2014/I]

ENSINO DE HISTÓRIA E CURRÍCULO NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE AS CONCEPÇÕES DO ENSINO DE HISTÓRIA NO CURSO DE PEDAGOGIA.

Jaqueline Ap. M. Zarbato¹

Centro Universitário Municipal de São José/USJ.

Jaqueline.zarbato@gmail.com

RESUMO: este texto pretende abordar as discussões realizadas no curso de pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José-USJ, sobre o ensino de História e sua representação, repercussão e importância no percurso do currículo de pedagogia. Enfocando a partir das concepções teórico-metodológicas e dos 'olhares' das acadêmicas o que concebem sobre a disciplina de História, bem como a (des)construção de estereótipos e discursos sobre o que ensinar sobre História.

Palavras-chave: ensino de História, formação de professores, currículo.

ABSTRACT: This text intends to address the discussions that took place at the Pedagogy undergraduate program from Centro Universitário Municipal de São José – USJ, on the teaching of History and its representation, repercussion and importance through the program's curriculum. Stemming focus from the theoretical and methodological concepts, the academics perspectives about the discipline of History, as well as the deconstruction of stereotypes, and speeches concerning what to teach about History.

Key words: history teaching, teacher training, curriculum

[...] é pela história que nós nos formamos como homens; é por ela que nós nos conhecemos e ascendemos à plena consciência do que somos; pelo estudo do que fomos no passado descobrimos, ao mesmo tempo, o que somos no presente e o que podemos vir a ser no futuro, o conhecimento histórico emerge como uma necessidade vital de todo ser humano. Tendo em vista que a realidade humana de cada indivíduo se constrói na relação com os outros e se desenvolve no tempo, a memória se configura como uma faculdade específica e essencialmente humana e atinge sua máxima expressão quando se manifesta como memória histórica (SAVIANI, 2008, p. 151).

Por que ensinar História? O que é importante no ensino de História? Estas questões parecem ser a tônica presente no campo do ensino de História, em que muitos estudiosos² buscam através de diferentes abordagens não só compreender os caminhos epistemológicos dessa área de saber, mas também fundamentar os percursos metodológicos sobre o ensino de História. Na fundamentação destas questões Rüsen

1 Professora Doutora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José/USJ. Membro do Grupo Itinera/UFSC, sobre currículo e ensino de História.

2 Ana Monteiro 2001, Circe Bittencour 2004, FENELON, Déa(1983), FONSECA, Selva(2003) SILVA(1984), Schmidt e Cainelli(2001).

(1987), aborda a Didática da História como o campo que aprofunda as discussões teóricas que fundamentam as condições, finalidades e os objetivos do ensino de história, inserindo principalmente as questões: “para que serve ensinar a história?”, “por que trabalhar história na escola?” e “que significado tem a história para alunos e professores?”.

Mas, mesmo compreendendo que as discussões sobre o ensino de História tem sido alvo de profundos debates, há que se reconhecer que ainda persistem alguns silenciamentos no que se refere ao ensino de História, principalmentenos anos iniciais, pois como argumenta Oliveira (1995, p. 263-264), “[...] poucos historiadores interessam-se pelo processo de construção do conhecimento histórico em crianças. Muitos sequer acreditam na possibilidade da criança aprender história nas séries iniciais”.

Refletindo sobre os silenciamentos, discordâncias, preocupações e representações sobre o que ensinar e, visando aprofundar as discussões sobre o ensino de História nos anos iniciais, é que iniciei uma reflexão com as acadêmicas do curso de pedagogia do centro USJ. O intuito foi investigar, no processo de formação inicial, o que concebem como importante no ensino de História? A relação entre o prescrito no currículo e o que acreditam ser importante ensinar às crianças e jovens. E, acima de tudo compreender de que maneira a formação inicial contribui com elementos teórico-metodológicos para o ensino de História.

Nas últimas décadas, o ensino de História nos anos iniciais ampliou seu campo de análise, com as características teórico-metodológicas, acerca da temporalidade, dos sujeitos históricos, da memória, dos lugares de memória, da regionalidade, enfim, damultiplicidade de questões que envolvem a produção do conhecimento histórico. Assim, neste campo de ação, as discussões peculiares ao ensino de História, encaminham para a formação da consciência crítica, que possibilitaaos sujeitos sociais se envolverem nos confrontos diários, atuar e refletir sobre as diferentes situações cotidianas, de forma a se descobrirem como sujeitos históricos. Ou seja, nos anos iniciais surgem as primeiras impressões e representações sobre o que é História.

Schmidt e Garcia(2005) no estudo sobre a formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano das aulas de História, apontam as preocupações relacionadas com o significado escolar do conhecimento histórico e sua participação no processo de renovação da escola. As autoras partem da Didática da História para fundamentar as discussões sobre as abordagens no ensino de História, com a finalidade da formação da consciência histórica de alunos e professores. E utilizam a pesquisa realizada nas escolas para apresentar as possibilidades de novas formas de captação e didatização de conteúdos que contribuam para o desenvolvimento da consciência histórica.

Pode-se dizer que as autoras, inserem elementos que podem ser discutidos também nos anos iniciais, pois partem das concepções advindas do processo dialógico na educação. E estão situadas numa perspectiva educativaque destaca o processo de cognição histórica por meio de investigação “qualitativa, descritiva, buscando através da análise indutiva sistemática a compreensão de ideias dos sujeitos acerca da História como explicação, evidência, objetividade, narrativa” (Barca, 2007, p. 37)

Assim, é necessário fundamentar a formação inicial de pedagogas para o entendimento sobre o ensino de História, principalmente a partir da subjetividade, da produção do conhecimento histórico, de diferentes possibilidades de ensinar História, permite ampliar o entrelaçamento entre o que se apreende e apreendeu ao longo do curso e o que será ensinado as crianças. Já que:

O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente, em sua formação intelectual e social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertença. (Zamboni, 1993, p. 7)

Porém, um processo de formação intelectual e social diferenciado é possível através de fundamentação teórico-metodológica que vise refletir sobre a complexidade das vivências, das ações, atuações, fatos e versões da História. O que representa, neste caso a busca pela inserção de outros paradigmas na formação inicial, que reflete desde a construção dos currículos dos cursos de pedagogia, com espaço para as disciplinas voltadas ao ensino de História. Uma vez que as concepções historiográficas somente são apresentadas na disciplina de Docência em História.

Em sua maioria, permite-se repensar os caminhos do ensino de História nos cursos de pedagogia, o que não é diferente no curso de pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José-USJ. Em que há a disciplina de Docência em História, oferecida na 7ª fase. No currículo do curso e no plano da disciplina, são definidos os temas a serem abordados com as acadêmicas. Na matriz curricular do curso de pedagogia (2008), a disciplina deve abordar:

abordar os princípios teórico-metodológicos do ensino da história nas séries iniciais. O homem sujeito da história. Construção de conceitos de tempo e espaço. Análise de livros didáticos para o ensino de história.

Os temas estão relacionados principalmente ao que determinam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e, de certa maneira, norteiam o ensino de História nos anos iniciais do curso de pedagogia. Percebe-se que o currículo se apresenta, muitas vezes, desvinculado da realidade social plural e diversificada, vivenciada pelos alunos, o que dificulta a compreensão dos elementos determinantes das condições de vida, dos vários segmentos e grupos sociais e culturais. Desse modo, percebe-se a importância do currículo, sendo um instrumento de manutenção das relações de poder e saber, a discriminação de gênero é um instrumento para manter as diferenciações de gênero no âmbito educacional. Para SILVA (2009, p. 97):

O currículo é, entre outras coisas, uma questão de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero. Uma perspectiva crítica de currículo que deixasse de examinar essa dimensão do currículo constituiria uma perspectiva bastante parcial e limitada desse artefato que é o currículo.

Nessa perspectiva de analisar o currículo e a formação de professores, percebe-

se que a discussão pode revelar as múltiplas facetas da organização e da estrutura disciplinar, numa relação entre o proposto pelos 'conteúdos oficiais' e no currículo real. Para Kátia Abud:

através dos programas curriculares divulgam-se as concepções científicas de cada disciplina, o estado de desenvolvimento em que as ciências de referência se encontram e, ainda, que direção devem tomar ao se transformar em saber escolar. Nesse processo, o discurso do poder se pronuncia sobre a educação e define seu sentido, forma, finalidade e conteúdo e estabelece, sobre cada disciplina, o controle da informação a ser transmitida e da formação pretendida. Assim, a burocracia estatal legisla, regulamenta e controla o trabalho pedagógico.

Desta maneira, a finalidade em instituir discussões sobre conteúdo a ser ensinado na História, sobre o conhecimento histórico produzido, sobre a consciência histórica e a produção em torno do que deve ser ensinado pelos 'futuros professores', contribui com as reflexões sobre o saber histórico escolar.

Mas, há duas questões que merecem análise mais aprofundada, isso porque, ao se defrontar com os temas acadêmicos estão, neste momento também, começando a frequentar o estágio nos anos iniciais. Assim, uma questão seria a de que ao mesmo tempo em que apreendem algumas concepções sobre o ensino de História, começam também a fundamentar e buscar estratégias para a transposição didática, na disciplina de estágio curricular dos anos iniciais.

Essas questões apontam para a fundamentação e opções teórico-metodológicas, os quais estão sujeitos a revisões, diálogos, interpretações, produções de materiais. Mas, que no caso do ensino de História enfrenta alguns elementos cristalizados, como a da representação do passado. Para Leandro Karnal (2003, p 08):

As representações do passado e do que consideramos importante representar é um processo de constante mudança. Se a memória muda sobre fatos concretos e protagonizados por nós, também muda para fatos mais amplos. A história está envolvida em um fazer orgânico. É viva e mutável.

Seguindo essa lógica sobre o entendimento da 'valorização' da representação do passado no ensino de História, percebe-se que o saber histórico, circunscrito nos currículos de formação inicial ainda é demarcado pelos 'lugares de formação da História' e entendimento sobre o que se ensinar na História. O saber histórico, muitas vezes, desempenha um papel importante, na formação de identidades, de memória coletiva, de entendimento dos diferentes grupos culturais e sociais, da ação dos sujeitos históricos.

E em última instância da consciência histórica, pois para Jörn Rüsen a consciência histórica pode ser definida como uma categoria que se relaciona a toda forma de pensamento histórico. Em outras palavras ela é " [...] a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo" (RUSEN, 2010, p. 57)

Desta forma, a História seria o veículo propulsor de diálogos e representações sobre as identidades, as culturas, a memória e a consciência histórica. Nesta perspectiva, a história ensinada nos anos iniciais precisa relacionar conhecimentos específicos, com um certo consenso entre os historiadores, pedagogos com a matriz curricular e políticas educacionais, no sentido de aprofundar, discutir e produzir conhecimento histórico que leve em conta a multiplicidade e que rompa com os discursos que atestam a 'generalização' dos conhecimentos vinculados ao ensino nos anos iniciais e que aponte a fundamentação da formação docente que atuará no ensino de História.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam que o papel do ensino de História está vinculado à produção da identidade, sendo um ponto de partida para as demais discussões e concepções críticas na produção do conhecimento. Assim, os PCNs (1997, p.4-5) apontam que:

A opção de se introduzir o ensino de História desde os primeiros ciclos do ensino fundamental explicita uma necessidade presente na sociedade brasileira e acompanha o movimento existente em algumas propostas curriculares elaboradas pelos estados. [...] A demanda pela História deve ser entendida como uma questão da sociedade brasileira, ao conquistar a cidadania, assume seu direito de lugar e voz, e busca no conhecimento de sua História o espaço de construção de sua identidade.

Deste modo, é importante salientar que, os conceitos e temas que são abordados no ensino de História baseiam-se, nas concepções dos PCNs, pautados em debates sobre o saber histórico nas diferentes etapas de socialização da criança, estabelecendo um diálogo com a construção da cidadania, com a consciência histórica. O que implica, em última instância no reconhecimento como sujeito histórico e, dispondo de elementos que permitem compreender melhor a realidade em que se está inserido, bem como da sociedade em que se vive e a que se quer viver. (RUSEN, 2001, p. 78) afirma que:

os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno [...] no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E 'histórico' significa aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural. (RUSEN, 2001, p. 79)

Com as reflexões propostas sobre o Ensino de História, verifica-se que a confrontação com as condições em que vivem os sujeitos, ou como reforça Rusen(2001), a História se fundamenta num processo de entendimento do fazer histórico, com a compreensão de cada sujeito e apreensão de saber dos sujeitos.

Desta maneira, o processo de construção da disciplina História, apresenta a complexidade dos tempos modernos, já que a manutenção de uma disciplina escolar no currículo deve-se à sua articulação com os grandes objetivos da sociedade, que tem

como princípio o seu entendimento social. Logo, a História como disciplina contribui, segundo Bittencourt (2004, p.19):

[...] a construção de uma identidade nacional que permeia a existência da disciplina como obrigatória nos currículos brasileiros desde o século XIX, passou a ser redefinida, portanto, sob outros parâmetros, repensada sob novas perspectivas relacionadas às mudanças sociais e econômicas um curso no país, à mundialização e às transformações do papel e do poder do Estado na nova ordem mundial econômica.

De certa forma, o debate sobre o caráter científico da história deve ser efetivado nos cursos de formação inicial, visando analisar o historiador não como mero narrador de fatos, mas daquele que contribui para o entendimento de que há interpretação por parte dos sujeitos em contato com o conhecimento histórico, seja na história como ciência, ou como um tipo particular desta, que, por meio de uma metodologia, busca uma aproximação com o real.

Caminhos possíveis na formação inicial para o ensino de História nos anos iniciais

Muitas vezes o que aprendemos em determinado momento da vida, toma uma proporção em nossa trajetória, marcando de forma significativa nossa trajetória. Há lembranças, fatos, eventos, acontecimentos que ganham destaque e outros que são relegados ao esquecimento.

Nas etapas da formação de professores/as, podemos dizer que as lembranças marcantes do ensino de história para as alunas em destaque evocam o que conhecem e o que compreendem sobre o ensino de História. Então, não é raro ouvir discursos em sala, sobre não gostar de História, de que no Ensino Fundamental era a disciplina mais odiada, das dificuldades de compreender e de ensinar História.

Diante das inquietações sobre o que representa o ensino de História, na formação inicial em pedagogia, há indícios que apontam o quanto esta etapa da formação marca a visão que estas futuras professoras possuem em relação à disciplina. Na maioria dos relatos, foi nesta etapa de formação que as lembranças se fixaram e orientam suas percepções relativas à disciplina história.

As lembranças descritas pelas acadêmicas estão centradas em uma perspectiva que nos cursos de pedagogia, a História é uma disciplina que não uma das centrais. Assim, o processo de ensino da disciplina está historicamente permeado pelas políticas curriculares que circundam o processo de ensino brasileiro da história, muitas vezes, pautado pela concepção das teorias curriculares tradicionais.

Visando compreender de que maneiras as 28 acadêmicas da 7ª fase do curso de pedagogia do Centro Universitário Municipal de São José/USJ, entendem a importância do ensino de História e de que maneira, o currículo do curso favorece o entendimento sobre o que ensinar.

Quando indagamos sobre a lógica da disciplina, podemos retomar algumas contribuições das perspectivas historiográficas que contribuem para que o ensino de História, ultrapasse as 'barreiras' impostas no ensino de História nos anos iniciais.

Ensinar História nos anos iniciais, permite a fundamentação do entendimento de algumas noções históricas que podem ser aprofundadas nos anos seguintes. Tem-se a compreensão de que as acadêmicas só terão contato com a História, na 7ª fase, o que pode nos levar ao entendimento de certo ‘estranhamento’ em relação à disciplina.

È nesse momento que lança-se o maior desafio, com a questão para todas as acadêmicas: o que você compreende que é importante no ensino de História? Essa primeira indagação propõe entender como elas(já que são todas mulheres) analisam a importância do ensino de História.

Azevedo(2001, p 342) “aponta que o ensino de história teve seu papel de fundamental importância na construção de uma história que visava a salientar a memória oficial única e estável, que estabelecesse uma totalidade acabada e solidificada, perene, que afastava a existência ativa de vários sujeitos históricos”. A autora também destaca que essa concepção tradicional marcou a disciplina História, cuja proposta era estudar o Nacionalismo. Mas, que vai aos poucos modificando a concepção e valorização do que se aprende e se ensina na História.

Seguindo essa perspectiva, analisar o que as acadêmicas em formação pensam sobre o ensino de História, permite-nos compreender a visão mais ampla sobre o processo de construção do conhecimento. Os saberes experienciais, ainda dos sujeitos em formação, constroem-se quando os professores manifestam suas reflexões acerca dos saberes disciplinares, curriculares e, principalmente em relação a sua própria formação.

Na proposição inicial apresentada às acadêmicas a intenção era perceber a partir de suas experiências, seus olhares do ensino de História. Neste sentido, a acadêmica Lua,³ disse que:

Compreendo que é importante refletirmos sobre as questões do Brasil e do exterior, acontecimentos do passado e presente, discutirmos sobre a pobreza e a violência, problemas sociais, teorias, pensadores que pensaram em determinado tempo.

Essa concepção apresentada pela acadêmica é mais comum do que parece, uma visão generalista sobre o ensino de História. Mas, também traz a percepção de que as mudanças de ontem e hoje, as concepções de presente e passado são elementos históricos. A partir da narrativa, percebe-se que é necessário instrumentalizar os sujeitos em formação, para exercerem sua função de professor, concebendo a História como um papel fundamental na construção do saber histórico já que “a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.” (FONSECA, 2005, p, 89).

Uma outra acadêmica destacou e sua narrativa a concepção de uma História evolutiva, o que de certa maneira, representa uma visão tradicional do ensino de História, mesmo que ela situe no campo das lutas, há na construção de sua narrativa

3 Os nomes das acadêmicas foram modificadas, mas as narrativas foram mantidas na íntegra. Entrevistas concedidas à Jaqueline Zarbato em março de 2013.

a perspectiva de 'evolução'. Segundo Ananda⁴, ensinar História tem sua importância em: **“Tudo, pois mostra as pessoas como nossa vida evoluiu, o que passamos para chegar até aqui, faz parte da História, da nossa História de vivência e luta”**.

De certa maneira, é comum encontrarmos esse tipo de entendimento, assim, como a importância do livro didático, das datas, das comemorações. O que nos mostra que ainda há muito trabalho a ser feito no ensino de História nos anos iniciais, uma vez que são essas concepções que serão repassadas às crianças.

Problematizar os fatos, acontecimento, situar historicamente é fazer com que o aluno seja estimulado na construção do saber bem como exercite sua visão crítica. Na narrativa Liv⁵, estudar história requer a **“compreensão das ideias dos homens comuns, que talvez não escreveram nenhum livro, mas que tenham ideias brilhantes, pessoas com histórias interessantes de vida para contar, buscando a cooperação da própria sociedade, na vida dos alunos”**.

Pode-se dizer que são entendimentos diferentes sobre o ensino de História, mas esse entendimento, se baseia, muitas vezes, como aponta Zamboni (1993, p. 7):

no processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente, em sua formação intelectual e social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertença.

Desta forma, contribuir com a formação das crianças e da concepção de História, é uma tarefa árdua, mas também prazerosa, desde que o professor, e neste caso, as futuras pedagogas, tenham também interesse nas múltiplas discussões oferecidas no ensino de História.

Para a acadêmica Lune⁶, a importância de que **“a História seja um elemento com fortes características na nossa formação pessoal e escolar. [...] tornando ser pensantes e investigadores, pois traz várias questões sobre como aconteceu, os questionamentos, a importância de repassar isso aos outros.”** As discussões sobre as características relacionadas à formação do professor, remetem ao aprofundamento de algumas questões sobre o conhecimento histórico. FONSECA (1993), discute a importância do papel formador da disciplina de História, e nos traça alguns caminhos que para ela:

A proposta de metodologia de Ensino de História que valoriza a problematização, a análise crítica da realidade, concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos, que cotidianamente atuam, transformam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivências: em casa, no trabalho, na escola, [...] Essa concepção de ensino e aprendizagem facilita a revisão do conceito de cidadania abstrata, pois ela nem é apenas herdada via nacionalidade, nem liga-se a um único caminho de transformação política. Ao contrário de restringir a condição de cidadão a de mero trabalhador e consumidor, a cidadania possui um caráter humano e construtivo, em

4 Entrevista concedida a Jaqueline Zarbato em maio de 2013.

5 Entrevista concedida a Jaqueline Zarbato em maio de 2013.

6 Entrevista concedida a Jaqueline Zarbato em maio de 2013.

condições concretas de existência. (1997, p. 18)

Na narrativa de Fane, a qual destaca sua visão do ensino de História como uma disciplina importante para as crianças, porque pode contribuir para:

situar o aluno no tempo e no espaço através de fatos históricos, para que possam compreender o passado, auxiliando no entendimento do presente e na construção do futuro.

Dialogando sobre essa ótica, pode-se dizer que a História pode proporcionar através de diferentes fontes, métodos, concepções, o despertar e valorização da cidadania, com um papel fundamental no exercício e formação do cidadão. De certa forma, segue a lógica de Rusen(2001) sobre a interpretação do indivíduo sobre sua experiência do tempo, que é capaz de orientar suas ações e permitir a atribuição de sentido às relações cotidianas. Ou como aponta Oriá(2006, p. 134) a história deve levar o aluno a:

compreender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse mesmo bem evoca, ou até não apreciemos sua forma arquitetônica ou seu valor histórico. [...], pois é revelador referencial para a construção de nossa identidade histórico- cultural.

Seguindo essa perspectiva, da formação do cidadão, nota-se que essa questão surge em algumas narrativas das acadêmicas de pedagogia, o que denota o início das discussões sobre as diferentes concepções historiográficas que apresentamos em sala de aula. Pois, para Lana⁷:

O ensino de História tem sua importância em mostrar como surgiu nossa concepção de sociedade. Que nada é por acaso. É revelar que tudo tem um surgimento. É contribuir na construção da cidadania.

Fazer com que as acadêmicas tenham o entendimento sobre o processo da construção de conceitos históricos nos anos iniciais, pode se dar de forma complexa, já que mais do que pensar sobre a obrigatoriedade dos conteúdos, é preciso pensar na expectativa de aprendizagem da criança.

Nane, ao explicar sua concepção sobre a importância do ensino de História, destaca que:

No ensino histórico é importante se basear inicialmente pelo histórico dos educandos, relacionando o tempo e as transformações prosseguidos do passado e presente, entendendo melhor os dias atuais. Contribuindo para uma reflexão que consequentemente evidencia-se em um contexto social, político, econômico e cultural mais amplo, com ênfase em questionamentos e diálogos.

7 Entrevista concedida a Jaqueline Zarbato em maio de 2013.

A partir da concepção descrita pela acadêmica Nane, pode-se perceber que as narrativas estão carregadas de informações adquiridas ao longo da trajetória escolar. No contexto histórico em que narram suas concepções, as reflexões práticas e teóricas sobre a importância da História ensinada, a construção de identidades, são importantes para garantir a necessidade de valorizar as peculiaridades e singularidades de compreensões de cada acadêmica.

Ao analisar a perspectiva da aprendizagem e o papel do professor, compreende-se que este tem um papel fundamental na construção do saber histórico já que “a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.” (FONSECA, 2005, p, 89).

Assim, percebe-se que quando se compreende os significados e objetivos do ensino de História, compreendem a contribuição do ensino de História, como aponta Lili⁸ em sua narrativa:

No ensino histórico é importante se basear inicialmente do histórico dos educandos, relacionando o tempo e as transformações prosseguidas passado e presente, entendendo melhor os dias atuais.

Pela narrativa de Lili, nota-se que é necessário que o ensino de História promova uma reflexão crítica, a fim de que os indivíduos se reconheçam como agentes históricos. E começar pela formação inicial configura-se como um primeiro passo para a valorização desta área de conhecimento.

Neste sentido, refletir sobre a História, sobre os caminhos do ensino e de como as crianças concebem a História, é uma tarefa que cabe ao professor. Assim, encantar as crianças, de tal maneira que a História seja concebida como o resultado da ação de diferentes grupos, setores ou classes de toda a sociedade.

Em suma, a proposição de fazer com que as acadêmicas narrem o que concebem como importante a ensinar na História, torna-se um dos elementos que contribuem para vislumbrar noções históricas pré determinadas e, que em última instância proponham a inserção de novas configurações, sujeitos históricos, contextos históricos.

Logo, o ensino de História nos anos iniciais deve em primeiro momento instrumentalizar os ‘futuros professores’ para encantar num complexo mundo de muitos lugares históricos, de muitas batalhas que versam sobre os diferentes sujeitos históricos. De forma que contribuam com sua prática educativa para a autonomia do aluno, criando então pressupostos para que este interfira na sociedade de modo crítico enquanto sujeito histórico.

Ensinar História nos anos iniciais requer mais do que decorar nomes e datas, requer fazer uma ‘imersão’ pela História. São concepções que nos apontam os diferentes ‘olhares’ de cada acadêmica, que visam a formação, não só de professores, mas também de formar um sujeito com consciência histórica, com envolvimento e com função social.

8 Entrevista concedida a Jaqueline Zarbato em maio de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Kátia. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola Secundaria. In: BITTENCOURT, Circe (Org). O Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2001.
- AZEVEDO, Patrícia Bastos de. O desafio do ensino de História nas séries iniciais e a questão do Nacionalismo. Revista Atos de Pesquisa em Educação. PPGE/ME FURB v. 5, n. 3, p. 338-355, set./dez. 2010
- BITTENCOURT, Circe. O Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2001.
- BORGES, Vavi P. O que é história. S. Paulo, Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia. Brasília: MEC/SEE, 1997.
- CHESNEAUX. Jean. Devemos fazer tábula rasa do passado? São Paulo: Ática: 1995.
- FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da história ensinada. Campinas: Papyrus, 1993.
- _____. Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados. 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.
- KNASS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In. NIKITIUK, Sônio M. Leite (org). Repensando o ensino de História. São Paulo, Cortez, 2001.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. A História continua. Do mundo à sala de aula: o saber histórico escolar. Revista do Laboratório de Ensino de História, UFF. Niterói, v.3, n.3, 1999.
- _____. A História ensinada: algumas configurações do saber escolar. História & Ensino. Londrina, v.9, 2003.
- NADAI, Elza. A Escola Pública Contemporânea: os currículos oficiais de história e o ensino temático. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.6, no11, p.99-116, set.1985/fev.1986.
- _____. O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.13, no25/26, p.143-162, set.1992/ago.1993.
- OLIVEIRA, S. R. F. de. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. História & Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História / UEL. vol. 9. Londrina: UEL, out. 2003. p.259 -272
- ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). O Saber Histórico na sala de aula 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 128 -148.
- ZAMBONI, E. O ensino de história e a construção da identidade. São Paulo: SEE/Cenp, 1993